

# NOVAS NOTAS AO «GLOSSÁRIO LUSO ASIÁTICO»

A. G. Cunha

Em artigo publicado recentemente no **Número Especial** do **Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa**, de Lisboa, com o título de **Notas ao “Glossário Luso-Asiático”**, expendemos algumas considerações a propósito dessa obra monumental de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado. Referindo-nos à sua importância para a Lexicografia Portuguesa, tivemos a oportunidade de ressaltar a necessidade de uma nova edição do **Glossário** e, bem assim, de apresentar um plano para essa reedição. Entre os critérios que ali estabelecemos, em linhas gerais, para o preparo da nova edição da obra de Dalgado, figura o seguinte: “Acrescentar, sempre que possível, à riquíssima documentação histórica apresentada por Dalgado, outros passos abonatórios de datas mais antigas do que as que foram por êle mencionadas.”

A fim de elucidar êsse aspecto do plano para a reedição do **Glossário**, relacionamos naquele estudo uma série de passos abonatórios mais antigos dos que os que constavam da obra de Dalgado.

Vimos hoje, decorridos alguns meses, acrescentar àquela relação mais alguns trechos abonatórios elucidativos, sempre com o firme propósito de colaborar, na medida de nossas forças, para o maior desenvolvimento da Lexicografia Histórica Portuguesa.

É claro que as datas por nós assinaladas, embora mais antigas do que as que foram mencionadas no **Glossário**, não devem ser consideradas definitivas. Aliás, é quase impossível fixar com precisão absoluta a data em que um vocábulo estrangeiro foi introduzido na Língua Portuguesa. No que concerne, porém, ao contingente asiático, devemos observar que, depois da obra magistral do sábio orientalista português — que explorou com no-

tável competência a vasta literatura luso-oriental —, é mais fácil estabelecer, se não a data exata da introdução de um termo asiático em nosso idioma, pelo menos uma data bem próxima.

Apesar disso, convém reexaminar as fontes literárias compulsadas por Dalgado. O simples facto de êle ter consultado uma determinada obra não é indício de que êle a tivesse utilizado sempre no **Glossário** como fonte documental para todos os vocábulos orientais que nela se nos deparam. Sirva de exemplo, entre outras, a **Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier**, de Lucena, publicada em 1600. Sabemos que Dalgado leu essa obra e que dela extraiu diversos trechos para ilustrarem alguns dos verbetes do **Glossário**. Certos vocábulos que nela ocorrem escaparam, todavia, à sua observação. Assim, nos verbetes **badagás** e **paravás**, Dalgado relaciona, como sempre o faz, vários passos abonatórios, todos êles, no entanto, posteriores a 1607, mas não menciona a ocorrência desses dois vocábulos na obra de Lucena, que é de data anterior à dos textos citados. Diga-se de passagem, contudo, que, só quem já tentou elaborar um trabalho de vulto, como o **Glossário**, pode compreender e justificar essas pequenas lacunas. É muito provável, também, — e esta é a explicação que julgamos certa — que Dalgado, ao planejar a elaboração do **Glossário**, tivesse excluído, propositadamente, os vocábulos que designam nomes de povos, tribos, raças, etc., os quais, efectivamente, não constam da maioria dos dicionários de character etimológico. Só mais tarde teria êle resolvido incluir essas palavras no **Glossário**, mas, então, já teria perdido a lembrança da sua ocorrência na obra de Lucena! Seja qual for a explicação verdadeira, cabe aos estudiosos ampliarem as pesquisas do ilustre orientalista, a quem tanto deve a Lexicografia Portuguesa.

\* \* \*

São os seguintes os critérios adotados no desenvolvimento do nosso trabalho: 1.º indicamos, em versais, o título do verbebe, como consta do **Glossário**; 2.º entre parêntesis, assinalamos o volume (em romanos) e a página (em arábigos) do **Glossário** em que ocorre o vocábulo e, adiante, todas as variantes registradas por Dalgado, acompanhadas das datas de sua mais antiga ocor-

rência; 3.º) a seguir, transcrevemos um ou mais passos abonatórios de datas mais antigas do que as que foram indicadas pelo sábio orientalista português.

**A R G A L A** (I. 54) — Em 1840: “O marabú, ou argala, he hum dos maiores passaros conhecidos. Tem de oito a nove palmos de altura, e pelo menos doze de largura de azas abertas: o corpo he maior que o de hum Perú.” **Arch. Popular**, IV. 329.

**Obs.:** Dalgado não apresenta documentação para o vocábulo.

**B A D A G Á S** (I. 76 — **badagaz:** 1687, **badagás:** 1694, **badegás:** 1697, **badagá:** 1721) — Em 1600: “Da entrada dos Badegás na costa da Pescaria: & como o P. Francisco entrou em Trauancor.” **LUCENA, Vida P. Francisco de Xavier**, I. ii. xvi. 114.

**B A L ã O** (I. 85-86 — **balões:** 1535, etc., **balão:** 1589, etc.) — Em 1534: “E eu, como aquy fuy ther, sayo hum **ballaam**, que he navio muy sutil . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 287.

**B É R I - B É R I** (I. 118-119 — **bere-bere:** 1613, etc., **berê-bêre:** 1684, **bére bére:** 1685, **berebére:** 1687, **beri-beri:** 1896) — Em 1559: “Os nossos . . . sofrerão os mesmos, senão que lhes coube, mais hum poucachinho, grandes enfermidades que a terra de si daa, tolhimento de peis, mãos, e de todo o corpo, o que chamão **bere-bere**, e muy agudas febres e dores de cabeça graves . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, II. 315.

**C A C H E M I R A, C A S I M I R A** (I. 164) — Em 1797: “10.491 Covados Cazemira = 7.274 de cores, 3217 pintada = 16.763\$880.” **Docs. Arq. Port.**, xi. 5.

**Obs.:** Dalgado não abona o vocábulo.

**C A F E T A N** (I. 169) — Em 1627: “[os azuagos] têm sua paga de quatro dobras ao mês e não lhe sobe mais, e têm alguns privilégios, e podem trazer ribete, que é um debrum de setim pela gola do cafetão, ou marlota, que trazem vestido, por onde são conhecidos os mouros dos turcos.” J. C. **MASCARENHAS, Rel. da Perda da Nau Conceição**, p. 96.

**Obs.:** Dalgado não apresenta documentação para o voc.

**C H A U S** (I. 269 — **chiause:** 1571, **chauses:** 1593) — Em

1559: “Coltan Selin mandou agora hum chiaus a senhoria de Veneza e ate gora nom se sabe a que efeito...” in **Corpo Dipl. Port.**, VIII. 104. — Em 1565: “os chauses, que são como exçectores das justiças feytos dos mesmos genisseros trazem suas toucas com huns como carapuções do xa tomás...” **MESTRE AFONSO, Ytinerario** ,251.

**CHOQUÉ** (I. 279 — **chuquel**: 1554, **choqué**: 1554, **choque**: 1612) — Em 1553: “porque, de **cabeça**, caregua, humanao, a terça parte, mais vem de terço e choque a Vossa Alteza dois mil e tamtos quimtaes que nesta tera valerão çem mil par-daos.”

**Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, II. 103.

**CORACORA** (I. 307 — **corascoras**: 1552, **coracoras**: c 1560, 1600 etc., **caracóra**: 1563, 1602 etc., **caracolas**: 1635, **carecora**: 1908) — Em 1531: “e nos comtou como era determynado, amtre elles, de vir huma **cora-cora**, com gemte da dita ylha fallar com o capitam...” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 231.

**DACHÊM** (I. 340-341 — **dachim**: 1532, **dachen**: 1552, **dáchém**: 1680, **daching**: 1903): — Em 1520: “Senhor, para verdes quamto desejo cousa vosa, e por não aver diferença nos portugueses com a gente de Maluquo nas compras e vendas, mande Vosa Merçe fazer hum **dachym** a sua vontade,... e mande-o por nesta terra, para por ele pesarem quando forem e vyerem, porque hos que vem não querem pesar por ho **dachym** de Maluquo.” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 119-120.

**DIVÃO** (I. 363-365 — Na acepção de “sofá”, Dalgado documenta a var. **divan** em texto de 1906) — Em 1838: “A palavra divan tambem serve para se designar a salla onde se reune o conselho, e generalisando-a, os turcos a tomam na signifição de qualquer salla em que se recebem visitas. Daqui nasceu, provavelmente, o chamarem diversas nações da Europa a um canapé estofado, ou sophá um **Divan**.” **O Panorama**, II. 391.

**GENGIBRE** (I. 429-430 — **gengivre**: 1498, **jimjivre**: 1512, **jemgivre**: 1513, **gingibre**: 1516) — Na primeira metade do séc. XV: “E auondam de espique e galangua gengibre e açucar e muytas aromaticas espeçias.” **Marco Paulo**, fl. 48 v.

G U N O (I. 451 — **guno**: 1563, 1602, 1614, **gumo**: 1602) — Em 1544: “as quaes novas puzerão as yentes destas ylhas, principalmente a desta ylha de Ternate, em tanto estremo que andavão buscando lugares polos **gunos** para recolherem suas fazendas e molheres, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 405.

J O A N G A (I. 490 — **joangás**: 1539, **joangas**: 1552, 1560, **ioangas**: 1616) — Em 1533: “E pera firmeza disso deu logo huma **joamga**, que he moor que nenhum **paraoo**, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 272.

J U R U B A Ç A (I. 499-500 — **jurubaça**: 1534, 1536 etc., **jurubassa**: 1600, 1667 etc.) — Em 1531: “**Pelo** qual, por ysto e por outras cousas, e ditos de palavras que dizem o dito capitam dizer comtra a may del-rey, por **jurubaça**, ao dito regeedor, dizendo e mamdamdo-lhe dizer que se deitava, a dita raynha, com os seus mandarins ou fidallguos, e com elle regeedor; . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 230.

M A D I M (II. 9 — **madim**: 1593) — Em 1565: “Pago aquy huu maidim por carga (que he moeda de pouco mais de meo vintem). . .” **MESTRE AFONSO**, *Yitinerario*, 231.

M A N C H U A (II. 19 — **manchua**: 1539, 1552 etc., **mochua**: 1616) — Em 1524: “Dom Samcho Amrrique hera partydo com hum navyo e huma fusta e duas lancharas e tres **manchuas**, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 184.

P A R A V Á S (II. 172-173 — **parauás**: 1607, **paravás**: 1608, **paravaz**: 1612, **parauas**: 1613) — Em 1600: “Sam estes [**sc.** os Badegás] hus Gentios do sertam do reyno de Bisnagà, que d’hua parte do cabo cõfinam com os Malabares, & da outra com os Parauás imigos de todos, . . .” **LUCENA**, *Vida P. Francisco de Xavier*, I. ii. xvi. 115.

P A T A N E S (II. 188 — **patane**: 1563, etc., **pathane**: 1907) — Em 1553: “Malacaa hé huma cidade muito populosa no reino dos malayos, do imperio de Jantanaa, que hé hum grande senhorio que tem debaixo de sy o rei de Cyon, Patanes e Achens, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, II. 79.

P I N A T E (II. 213 — **pinate**: c 1560) — Em 1534: “e

o governador [da ilha de Ternate] que governa e manda a terra, e o seu mordomo-mor, que antre eles se chama **pynati**, que lhe arrecada todas suas remdas e them cargo de lhe hordenar o comer, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**. I. 321.

S A G U (II. 270 — **çagu**: 1552, 1563, **sagú**: 1561, 1615, **sagum**: 1563, 1697, **sagu**: 1613, 1614, 1825, **saguum**: 1614) — Em 1533: “E de mim, senhor, digo a Vosa Alteza, . . . que eu soo, lhe socorry com dez mil **gant**s de arroz e quatroçentos fardos de **çagu**, e trezentas galinhas, . . .” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 282. A var.**çaguu** ocorre em 1537: **IDEM**, I. 344.

S A N G A G E (II. 282-283 — **sangage**: 1552, etc., **çangaie**: 1560, **sangaagi**: 1607, **sangaji**: 1607) — Em 1547: “tomou a mãe de Dom Manoel e a meteo de pose da terra, e alguns **Samgayes** ou todos, por verem o outro preso, lhe vieram dar a obediência por rainha e lhe obedeça a terra toda.” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 519.

T O P A Z (II. 381-382 — **topaz** “intérprete” 1549, 1558, etc.) — Em 1545: “Si de nosa Companhia vierem algunos estrangeiros que não saben falar portugues, hé necesario que aprendan a falar, porque de otro jeto não habrá **topaz** que os entenda.” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, I. 451-452.

T U A C A (II. 388 — **tuacaa**: c 1560, **tuáca**: 1563, **tûaca**: 1613, 1701) — Em 1558: “são homens que são acostumados a levar boa vida e comer e beber **tuacqua** muito bem.” **Doc. Hist. Padr. Port. Oriente**, II. 296.

\* \* \*

#### TEXTOS CITADOS

**Arch. Pop.** = **Archivo Popular**. Leituras de Instrucção e Recreio. Semanario Pintoresco. Lisboa, 7 vols., 1837-1843.

**Corpo Dipl. Port.** = **Corpo Diplomatico Portuguez** contendo os Actos e Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as diversas Potencias do Mundo desde o século XVI até os nossos dias. Publicado de ordem da Academia das Sciencias de Lisboa, por Luiz Augusto Rebello da Silva (apenas os vols. I-IV; os vols.

V-IX foram preparados por José da Silva Mendes Leal, e os vols. X-XI, por Jayme Constantino de Freitas Muniz). Lisboa, 1862-1898.

**Doc. Hist. Padr. Port. Oriente = Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente.** Coligida e anotada por Artur Basílio de Sá. **Insulíndia.** 4 vols. Lisboa, 1954.

**Docs. Arq. Port. = Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil.** Secção brasileira do S. P. N. Nos. I-XXX. Lisboa, 1944-1949.

**LUCENA, Vida P. Francisco de Xavier =** João de Lucena, **História da Vida do Padre Francisco de Xavier.** Edição fac-similada comemorativa do 4.º centenário do seu falecimento. Com um Prefácio de Álvaro J. da Costa Pimpão. 2 vols. Lisboa, 1952.

**Marco Paulo = O Liuro de Marco Paulo. O Liuro de Nicolao Veneto. Carta de Jeronimo de Santo Esteuam,** conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502; com tres fac-similes, introdução e índices por F. M. Esteves Pereira. Lisboa, 1922.

**MASCARENHAS, J. C., Rel. da Perda da Nau Conceição. . .** Por João Carvalho Mascarenhas. Em Lisboa. Ano de 1627. (Consultamos a ed. publicada no vol. I das **Viagens e Naufrágios Célebres dos séculos XVI, XVII e XVIII,** de Damião Peres. Porto, 1937).

**MESTRE AFONSO, Ytinerário = Ytinerario** de Mestre Afonso. . . (reprod. ms. 1565) in "Itinerários da Índia a Portugal por terra. Revistos e prefaciados por António Baião. Coimbra, 1923."

**O Panorama = O Panorama.** Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. 7 vols. Lisboa, 1837-1843.

\* \* \*

Rio de Janeiro

Dezembro de 1959.